

Luiz Hanns: A função leitor, como os predecessores já comentaram, é realmente uma função difícil, complexa e eu espero não desmentir, ainda mais, as palavras do Eduardo sobre essa função porque eu em princípio vou seguir ao pé da letra o que me foi pedido. A missão que me foi transmitida é de que a função leitor, não exatamente focalize textos específicos e necessariamente cite os autores e os textos, mas capte um movimento de um pensamento que emerge desses textos e comente esse movimento, e mais: que esse comentário seja pessoal e comprometido. Então eu vou seguir esse desígnio, embora, por outro lado, haja uma tentação de discriminar os textos, comentar os autores porque estes afinal se esmeram em preparar os textos, textos, que, de modo geral, valem a pena serem discutidos, mas é preciso fazer opções e irei procurar seguir as regras.

O que eu vou falar é, portanto, de cunho bastante crítico, mas eu penso que nos Estados Gerais há espaço para isto, que é o local para isto.

De modo geral, o que me chamou a atenção não só dos textos que li, mas também dos textos que estavam fora da lista que me cabia, é que eles trazem o já por demais conhecido. Eu senti falta, na maioria dos textos, do novo. Geralmente o que aparece são variações na aplicação de fórmulas e conceitos já sabidos por nós, muitas vezes trazidos com muito virtuosismo, mas são coisas que, de algum modo, o leitor informado já conhece. Muitos dos textos, além de trazerem o conhecido, às vezes abrem questões, problematizam, mas também ficam geralmente neste âmbito, da abertura de “muitas” questões. Vou ser um pouco mais específico. Vou falar dos movimentos que eu percebo, das tendências discursivas e conceituais, presentes na maioria dos textos.

Um movimento que observei como freqüente é o de enunciar e ressaltar a idéia de que o gozo desmancha o cálculo, de que a palavra mata a coisa, de denunciar o equívoco que ocorre no registro do imaginário, de marcar a idéia de que sempre há um outro lugar, outra cena e que sempre há um deslocamento. Enfim, em todas estas fórmulas trata-se de virar ao avesso a questão da verdade. Idéia que, aliás não é só da psicanálise, é uma idéia que vem desde os pré-socráticos, mas enfim, uma idéia que vem revestida, de todo um arcabouço conceitual, basicamente laciano e que reaparece muito nos textos.

Outra vertente que captei nos textos, é aquela que se volta para o corpo, para o real, para os deslizamentos da cadeia significante e também de alguma maneira esta vertente busca mostrar o impossível, que seria qualquer tentativa de “apreensão” da verdade ou de alguma essência.

Já em outros textos observei que se adornam de conceitos prestigiosos, da ciência contemporânea, para ao final também abalar a noção de verdade, utilizando-se para tal da relativização, afinal se nas hard-sciences conceitos como “teoria quântica”, “princípio da incerteza”, a “teoria do caos”, “fractais” etc, apontam para a impossibilidade de apreensão de um objeto cindido do sujeito, e para a impossibilidade de cálculos precisos, podemos todos cair na teoria do “vale-tudo” de Feyerabend e a partir de um relativismo radical, nos autorizamos a escapar do ônus de certas demonstrações que fundamentem nossas teorias e opiniões.

E por fim, uma outra vertente que também percebi, é aquela que trata de *inter-* e eventualmente de *transdisciplinariades*, mas que também acaba no fim enunciando apenas os paralelismos entre as ciências e a psicanálise, sem de fato, entrelaçar estas formas de conhecimentos, que permaneceriam incomensuráveis, portanto, também esta é uma postura de não assumir as conseqüências de discontinuidades entre os campos divergentes.

Em conjunto, essas vertentes têm em comum a idéia de que estamos, e ainda continuamos, trazendo a boa nova psicanalítica ao mundo e que estamos enfrentando uma resistência conservadora contra a novidade psicanalítica, neste sentido nós continuaríamos a ser os portadores da “peste”. Eu penso que aí há um excesso de narcisismo e auto-referência porque, a novidade e a peste e a consequente dificuldade do social absorver revoluções do pensamento, não são exclusivas da psicanálise, até hoje nós não absorvemos o pensamento de Sócrates, de Jesus, de Buda, de Marx, de Adam Smith, de Kant e muitos outros. Todos trouxeram “pestes” e, de certo modo, esses pensamentos sempre são apenas parcialmente absorvidos e ficam incrustados em nichos diversos tendo uma circulação restrita e sempre distorcida. Mas isso, penso, não nos autoriza a nos imaginarmos portadores de algo assim “tão” diferenciado, por mais importante que seja a psicanálise e pior, acho que ao final nos aferramos a “mantras”, a fórmulas invocadas para nos ajudar a resistirmos nós, às novas pestes que estão nos chegando.

Chegando das neurociências, da atual economia e sociologia, da “sociobiologia”, da psicogenética, etc. E nós resistimos a estas pestes, como verdadeiros ortodoxos conservadores. Nós acusamos as novas formas de conhecimento de reacionárias, e muitas vezes as desqualificamos na base de não vi, não gostei e não quero ver. Gostaria também de mencionar outra coisa que me preocupa, e aí estarei fazendo, por um instante um comentário que está indo um pouco além dos textos, mas eu voltarei a eles em seguida.

Refiro-me ao fato de que o novo, ele é freqüentemente sufocado já nas nossas Instituições de ensino, onde os alunos que de fato questionam e perguntam, que querem de fato experimentar, freqüentemente são patrulhados semanticamente pelos guardiões do “templo” e da “obra”, que replicam o que um mestre disse, que determinam o que é e não é psicanalítico, etc. Nesse sentido, eu queria ressaltar que o paradigma psicanalítico, em algum momento foi um novo paradigma, mas como todo paradigma ele se esgota depois de algum tempo, depois de sua enunciação, sua circulação e sua absorção parcial, sempre parcial, pela cultura, se não houver um desdobramento em pesquisa e estou falando de pesquisa psicanalítica em alto nível e não numa replicação do conhecido, o paradigma vai morrendo aos poucos. Se não houver este desdobramento em pesquisa, nós vamos ter um campo que irá, simplesmente, aos poucos, morrendo e perderá suas conexões com o seu tempo.

Voltando aos textos, também me preocupa um outro aspecto notado em muitos dos textos que é: freqüentemente, não há uma preocupação em se “coerentizar”, com os avanços das outras áreas do conhecimento contemporâneo, em “explicar” as descontinuidades. Ao contrário, o recurso é defensivo, a palavra principal é resistência ao outro discurso, ao discurso contemporâneo. Depois, se houver tempo, eu gostaria de citar algumas pesquisas psicanalíticas que “quebram” este modelo, que de fato se preocupam em explicar essas “descontinuidades”, em discutir com as neurociências, não neste sentido de resistência, ou do desprezo ao positivismo e usando slogans, às vezes baratos, mas de fato buscam pensar junto, absorver novos conhecimentos e ir para adiante.

O perigo é que também, aqui um pequeno parênteses, o aspecto clínico seja gravemente afetado. O campo da psicoterapia hoje é um campo que está tendo uma revolução, um avanço tremendo, existem mais de 500 abordagens em psicoterapia. Digo isto, pois estou atualmente fazendo estudos de psicoterapia comparada como consultor para o Conselho Federal. Minha tarefa lá é fazer alguns trabalhos de preparação para subsidiar o conselho com documentos para debater um modelo brasileiro de diretrizes para a psicoterapia. E me chama a atenção, que a maioria dos psicanalistas não faz idéia do que está ocorrendo neste campo, a maioria não sabe que, por exemplo a abordagem comportamental, hoje, trabalha em um nível onde muitas questões, que a psicanálise elaborou, reaparecem por outro ângulo. A questão até da letra, do traço unário, ou questões do afeto, de trauma e muitas outras, são temas para a terapia comportamental, também a terapia cognitiva aborda questões que nos são caras. A maioria dos analistas ouve falar de outras abordagens, vê o assunto por alto e por fim manifesta seu desprezo afirmando que se trata de meras abordagens adaptativas ou que elas apenas tratam dos sintomas. Nós analistas sequer nos damos ao trabalho de realmente estudar o que está se passando e ficamos sem ter a oportunidade de descobrir avanços que, - porque não -, podem, muitas vezes, serem incorporados também por nós. Mas isto vira um anátema. Não há a tranquilidade de se estudar os campos afins à psicanálise e não há disposição de se recolocar os nossos pressupostos sob um crivo crítico, auto-crítico. Penso que isto é uma marca do medo. A idéia tantas vezes repetida neste encontro e nos textos de que é preciso opor resistência à modernidade traz a idéia implícita de que há uma ameaça. Sentir-se ameaçado, implica a idéia de se sentir frágil e penso que parte dessa fragilidade deriva na realidade de nosso discurso que envelhece, que envelhece por não fazer pesquisa. E há pesquisas psicanalíticas extraordinárias, de alto nível, qualitativas, quantitativas e de vários gêneros, mas são desconhecidas pela maioria. Para sair desse pavor em que coletivamente muitos estão é preciso poder, com tranquilidade e coragem e ousadia, pesquisar, pesquisar, pesquisar, claro que dentro de uma epistemologia psicanalítica, mas sempre em franco diálogo com o que está hoje acontecendo. E por fim, só mais dois comentários.

Vários textos se referem ao campo da psicanálise aplicada e se permitem, a partir de uma certa erudição, opinar sobre filmes, sobre livros, sobre todos os fenômenos culturais e sociais. Mas,

muitas vezes, estes textos opinativos, muito bons, escritos com muito virtuosismo e muita erudição, são opiniões que eu gostaria de ouvir num jantar com o colega, mas que penso que como textos apresentados na forma de trabalhos, falta-lhes pesquisa e falo aqui em pesquisa psicanalítica. Faltam nos textos, colocar as premissas, justificar a metodologia, explicitar a fundamentação utilizada, os critérios, e eu posso depois citar algumas pesquisas magníficas e altamente psicanalíticas sendo feitas, no Brasil e no Exterior, que seguem este tipo de rigor e que poucos de nós se dão ao trabalho de procurar, de conhecer.

Agora meu último comentário. Considero muito importante que a psicanálise rompa com essas amarras do medo, esse clima medroso, apavorado. E invoco aqui agora Freud. Em sua obra Freud, - e isto é uma das novidades da nova tradução que vai criar bastante celeuma, mas não vou poder demonstrar e fundamentar a afirmação que farei aqui neste espaço e no tempo curto que temos, portanto, apenas vou jogar esta pequena “bomba” e deixá-la no ar, e pedir que, durante três minutos, vocês acreditem em mim para que eu possa seguir com o raciocínio e depois vocês podem desacreditar de novo do que afirmarei. Mas afirmarei que Freud, de fato, não usa em sua obra o termo “angústia”. Ele usa o termo *Angst* e seria uma longa discussão porque que *Angst* não equivale ao termo “angústia”, mas ao termos “medo”. Realmente não teríamos como aprofundar seriamente isto aqui. Mas se acreditarem ao longo de três minutos que *Angst* é *medo*, acho que poderemos fazer um enlaçamento, entre este clima de medo coletivo em que se encontram muitos psicanalistas e a teoria freudiana da *Angst*, que para Freud é o afeto de base subjacente a qualquer neurose, e mais o afeto fundamentalmente ligado ao objeto hostil primário reencontrado.

Enfim, colegas, estes foram os principais pontos me ocorriam ao longo da leitura, eu diria, como resistência minha à maioria dos trabalhos que li. Para encerrar, apesar da instrução dada à função leitor ser a de não citar nominalmente os trabalhos e autores, gostaria de dizer que dois trabalhos, em especial, - embora também tenha achado que replicam o conhecido - , se aplicaram em serem rigorosos em sua apresentação e me parecem excelentes exemplos de qualidade psicanalítica. Eles não se autorizam à livre associação opinativa e descompromissada com o argumento, são assertivos, argumentam e se fundamentam. Refiro-me ao trabalho de Gilson I. e ao trabalho de Maria Rita S. a qual aliás faz parte de nossa equipe de tradução. Gilson trata de questões epistemológicas, na relação entre Lacan e a questão da ciência e Maria Rita a questão da tradução. Fico por aqui e obrigado pela atenção.